

DISCOS

CONTAM-ME que numo aldeia da França dois camaradas resolveram fazer graça e apareceram vestidos de marciais, dizendo que tinham acabado de desembarcar de um disco voador. A atitude dos aldeões foi muito diferente da que eles esperavam no lugar de ficarem de boca aberta caíram de pau em cima dos dois.

Não chego a propor façamos o mesmo com meus queridos colegas da reportagem (fotográfica ou escrita) que de vez em quando lançam um disco voador. Não, nada de pauladas; a imprensa é livre. Mas seria de esperar que pelo menos uma jovem associação de profissionais da imprensa — esse tal «Clube dos 23» — não se apressasse a apontar como «a maior notícia do mês» o aparecimento desse disco maroto na Ilha da Trindade. Não sei qual é o critério seguido pelos brilhantes colegas que formam esse Clube, mas eu lhes perguntaria se naquele mês em que foi noticiado o aparecimento do tenente Fernando na Amazônia eles também considerariam aquela a «maior notícia do mês».

Não creio que a sensação causada por uma notícia seja suficiente para que ela seja classificada de «maior»; acho que não seria pedir muito pedir também que a notícia fosse confirmada. Se ela é uma simples «barriga» ou resultado de um truque vulgar não importa que um jornal respeitável tenha lhe dedicado sua primeira página. Esse jornal foi, aliás, o primeiro a cobrir a retirada depois desse sensacional «furo» com uma inteligente nota em grifo, no dia seguinte, cortando as asas (ou abas) do próprio disco; depois de jogar na credulidade da massa dos leitores resolveu, com certa elegância, render homenagem também à sua inteligência e espírito crítico. Ainda me parece mal; mas é menos mal.

O Ministério da Marinha é que se atobou, e distribuiu uma nota oficial; é uma nota oficial que, em resumo, não diz nada, ou quase nada; mas, que diabo, é uma nota oficial do Ministério da Marinha! Ainda se fôsse um disco nadador...

Em tempo de guerra é muitas vezes proibido tirar fotografias de bordo dos aviões. Não chego a sugerir que se proíba tirar fotografias ao contrário, isto é, de baixo para cima, mas acho que pelo menos o assunto deveria ser regulamentado. Deixo aqui uma sugestão ao dr. Moses: é promover uma reunião de diretores de jornais de todo o Brasil para adotar um critério em matéria de discos voadores.

Cada Estado teria sua cota, que não poderia exceder a um cada 24 meses, e assim também o Distrito Federal. Em cada praça seria feito o sorteio do jornal ou revista a ser favorecido pelo disco, ficando entendido que «O Cruzeiro» e o «Correio da Manhã» estariam proibidos de «discar» pelo menos até 1970.

É o único remédio que vejo para evitar uma inflação de discos. Creio que estou propondo algo de liberal, democrático e equânime. O que não é possível é fazer como aqueles aldeões franceses e dar uma surra de pau em cada Barauna...